Globethics Repository



A China procura parceiros mundiais [China seeks global partners]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Arrighi, Giovanni
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-14 10:29:44
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163207

A todos e todas uma ótima semana de trabalho, um excelente feriado no meio da semana e uma profícua leitura.

A CHINA PROCURA PARCEIROS MUNDIAIS

Entrevista com Giovanni Arrighi

No cenário das relações internacionais, ainda não está definido o futuro da convivência China-Estados Unidos – o que equivale, praticamente, a dizer o destino do mundo. De acordo com o sociólogo italiano radicado nos EUA, Giovanni Arrighi, os EUA já reconhecem a China como uma potência emergente e dessa constatação pode resultar uma aliança sino-norte-americana. Mas as variáveis em jogo ainda são muitas e, entre elas, está a aproximação da China com o sul do globo, "partindo do Brasil e passando pela África do Sul e pela Índia". Arrighi descarta, entretanto, a possibilidade de os chineses começarem a liderar um novo "ciclo sistêmico de acumulação", pois não vê, na economia global, sinais de que isso seja iminente, a começar pelas próprias debilidades chinesas decorrentes de um crescimento extraordinário. Giovanni Arrighi é professor do Departamento de Sociologia na The Johns Hopkins University, em Baltimore (EUA) e um dos mais destacados estudiosos mundiais sobre as relações dos sistemas políticos e econômicos. É autor, entre outros livros, de ***O longo século XX – Dinheiro, poder e as origens do nosso tempo.*** *Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1996;* ***A ilusão do desenvolvimento.*** *Petrópolis: Vozes, 1998; e* ***Caos e Governabilidade no moderno sistema mundial.*** *Rio de Janeiro: Editora Contraponto; Editora UFRJ, 2001. A entrevista foi concedida por e-mail.*

***IHU On-Line* - Em que medida a crise de crescimento enfrentada pela China limita as suas aptidões para, em prazo médio, acumular capacitações políticas, econômicas e militares para disputar com os EUA a liderança mundial?**

Giovanni Arrighi - A aptidão da China para desafiar a hegemonia dos Estados Unidos durante os próximos 20 anos, mais ou menos, depende de várias circunstâncias; duas, porém, são particularmente essenciais. Uma delas é a conduta política norte-americana. Se os Estados Unidos persistirem nas tentativas atuais de redefinir o mapa do oeste asiático através do poderio militar, estarão cada vez mais atolados em uma tentativa infrutífera e, com isso, fortalecerão a possibilidade de a China tornar-se uma potência dominante dentro e fora da região do leste da Ásia. A segunda principal circunstância é como a China, em si, responderá às crises econômicas e sobretudo sociais que, inevitavelmente, irão pontuar sua incrivelmente rápida expansão econômica. Há indícios de que a atual liderança do Partido Comunista Chinês está ciente dos problemas sociais e ambientais que a aguardam. Mas como ela irá, de forma adequada, lidar de fato com os conflitos sociais gerados pelas crescentes desigualdades na distribuição de renda e pelos deslocamentos em massa de populações de áreas rurais para áreas urbanas, permanece uma pergunta sem resposta.

***IHU On-Line* - O senhor acha possível que a China lidere um novo ciclo sistêmico de acumulação? Ela poderia fazer isso sozinha? Ou precisaria se aliar com outros países? Quais?**

Giovanni Arrighi - A China já é vista (inclusive pelos Estados Unidos) como uma das duas economias (a outra sendo a própria americana) que desempenham um papel de destaque na recuperação atual da economia global. Eu duvido que essa recuperação possa ser o início de um novo ciclo sistêmico de acumulação. O problema das dívidas externa e interna dos EUA ainda não foi resolvido e pode levar a uma contração mais ou menos catastrófica da economia global. Independentemente de que isso aconteça ou não, a China surgirá, por fim, como um

novo líder da política econômica global. O mais provável é que tal ascensão ocorra com um acordo entre a China e outros países, mas, no momento, é difícil prever quais serão esses outros países. Isso depende de diversas batalhas que estão sendo e ainda serão travadas pelo futuro da política econômica global entre a região do hemisfério norte em si e entre o hemisfério norte e o hemisfério sul. Dentre as possibilidades de alianças, estão uma coalizão formada exclusivamente por países do leste da Ásia, uma aliança sino-norte-americana ou sino-européia, ou ainda uma aliança ao sul do globo, partindo do Brasil e passando pela África do Sul e pela Índia até a China.

***IHU On-Line* - Frente ao crescimento do poderio chinês, o senhor acredita que os Estados Unidos, para não perderem a direção do sistema internacional, poderiam rumar para um capitalismo do tipo estamental, politicamente orientado, mais apoiado na coerção e na força, alterando as características do capitalismo histórico, que se apóia mais no mercado?**
Gioavanni Arrighi - Indubitavelmente, os Estados Unidos tentarão usar a sua supremacia militar e cultural para impedir seu futuro enfraquecimento econômico perante a China e a Ásia como um todo. Até certo ponto, o uso de recursos militares para influenciar resultados econômicos tem sido uma das características mais típicas do capitalismo histórico. Porém, os Estados Unidos podem impelir esta tendência além do ponto onde o militarismo e a política levam vantagem em relação ao capitalismo e à economia. Não há garantia, entretanto, de que essa tendência prevalecerá.

***IHU On-Line* - Quais são as possibilidades reais de uma parceria entre o Brasil e a China e quais os reflexos disso no cenário internacional?**
Giovanni Arrighi - Conforme eu mencionei acima, uma hegemonia no hemisfério sul, centrada em um eixo que se estenda do Brasil, passando pela África do Sul e pela Índia até a China se constitui em um dos diversos cenários futuros presentes no campo das possibilidades históricas. Representaria, definitivamente, o cenário mais favorável para o hemisfério sul. Todavia, são grandes os obstáculos para a concretização de tal cenário (devido não apenas à resistência do hemisfério norte, mas também às divergências existentes no hemisfério sul). A fim de superá-los, os países do hemisfério sul e seus aliados do norte precisam de grande visão e determinação.

***IHU On-Line* - Qual a sua opinião sobre o governo do presidente Lula?**
Giovanni Arrighi - Eu sei muito pouco a respeito do que vem acontecendo no Brasil desde a ascensão de Lula ao poder, portanto não posso formular uma opinião categoricamente favorável ou desfavorável. Contudo, tenho uma impressão bastante positiva quanto à postura do governo Lula no cenário mundial.

POSICIONAR O BRASIL EM UM MUNDO MULTIPOLAR
Entrevista com Paulo Vizentini

Paulo Gilberto Fagundes Vizentini é professor titular de Relações Internacionais e História Mundial Contemporânea na UFRGS. Entrevistado por e-mail, ele observou que a China deseja tornar-se um pólo de poder num mundo multipolar e defende a inserção brasileira nesse novo cenário. Mas observa que a chave para o sucesso brasileiro parte da integração sul-americana, acompanhada de uma mudança na política interna. Vizentini coordena o Núcleo de Estratégia e Relações Internacionais do Instituto Latino-Americano de